

A materialidade orgânica na composição musical de Freda Jardim

*The organic materiality in the mosaic composition
of Freda Jardim*

MARCELA BELO GONÇALVES* & CILIANI CELANTE ELOI JERÔNIMO**

Artigo completo submetido a 13 de janeiro e aprovado a 24 de janeiro de 2015.

*Artista Plástica. Habilitações: Bacharel em Artes Plásticas - Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e Mestre em Artes – Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

AFILIAÇÃO: Universidade Federal do Espírito Santo (UFES); Laboratório de Extensão e Pesquisa em Artes (LEENA). Av. Fernando Ferrari, 514, Goiabeiras. CEP 29075-910, Vitória, ES, Brasil. E-mail: mbelog@yahoo.com.br

**Artista Visual e Professora de Arte da Prefeitura Municipal de Vitória. Licenciatura em Artes Visuais na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), e Mestre em Artes, UFES.

AFILIAÇÃO: Prefeitura Municipal de Vitória (PMV); Universidade Federal do Espírito Santo (UFES); Laboratório de Extensão e Pesquisa em Artes (LEENA). Av. Fernando Ferrari, 514, Goiabeiras. CEP 29075-910, Vitória, ES, Brasil. E-mail: ciliani-celante@hotmail.com

Resumo: Este artigo pretende dar a conhecer a obra da mosaicista brasileira Freda Jardim e se dispõe a refletir acerca da materialidade orgânica presente em sua obra. Transitando entre o abstrato e o figurativo a artista inovou ao abandonar as tradicionais pastilhas de vidro e apropriou-se de materiais sob formas e aspectos não convencionais como vidros, cristais, granitos, mármore, pedras preciosas, semi-preciosas e outros materiais retirados de terras brasileiras.

Palavras chave: Arte Pública / Muralismo / Mosaico.

Abstract: *This article seeks to present the work of Brazilian mosaicist Freda Jardim and is willing to reflect on the organic materiality present in his work. Moving between the abstract and the figurative the artist innovated by abandoning the traditional glass inserts and appropriated materials in forms and unconventional aspects such as glass, crystal, granite, marble, precious stones, semi-precious and other materials taken from land Brazilian.*

Keywords: *Public Art / Muralist Art / Mosaic.*

Introdução

Observando seu percurso histórico, poderíamos hipoteticamente dizer que o mosaico se apresenta originalmente como uma categoria oriunda de coletividades sedentárias organizadas, tendo sua aplicabilidade evoluindo-se a partir dos principais centros, pois assim o constatamos ao abordar sua trajetória. Na região compreendida entre os rios Tigre e Eufrates, o Estandarte Real de UR, datado de 2.600 anos a.C., artefacto sumério utilizado na decoração dos túmulos, bem como os mosaicos de seixos rolados de Frigia, na Grécia do século VIII a.C., evidenciam os mais antigos registros, porém, é no período helenístico romano que assistimos a popularização da técnica, sendo esta amplamente utilizada na decoração de templos e teatros. Avançando, vimos em Roma o mosaico alcançar as paredes das igrejas paleocristãs com temas principalmente referentes a esta iconografia; no entanto, a técnica conheceu seu período áureo durante o império bizantino, quando a arte cristã miscigenou-se por esse tempo com a cultura oriental.

Atentando para a natureza do mosaico em sua peculiaridade expressiva, percebemos uma linguagem que inevitavelmente nos conduz às entranhas de narrativas autônomas, porém mutuamente dependentes em completude gestual. Chamamos aqui de narrativas tanto a intenção compositiva do artista, bem como as especificidades da técnica que incisivamente conduz a um resultado final identificavelmente submisso a mesma, negando sobre si efeitos ilusórios que a ofusquem ou a omitem. E o ser ver das obras musicais se situam justamente neste encontro franco e transparente das intenções do artista e da forma de fazer, permitindo ao observador se conduzir através dos caminhos que foram abertos para o encontro da *Techné* e da *Poiesis*, visualmente perceptíveis nas teselas denunciando a atuação criativa e braçal humana. Ao contrário de outras categorias cujo a especificidade técnica permitem brincar em dizer, se assim queira o artista em sua exímia habilidade técnica, tais obras terem surgido repentinamente pela ordem do Criador, o mosaico vem a se mostrar como uma forma artística cuja força de atração se dá pela admiração de uma narrativa autêntica que expõe a parceria entre a criação e o labor.

Sobre a artista

Freda Cavalcanti Jardim, filha de Maria Íris Cavalcanti Jardim e Germano Gonçalves Jardim, nasceu em Fortaleza, Ceará/Brasil, no dia 20 de março de 1926. Cresceu e estudou no Rio de Janeiro, onde se graduou em Estatística e logo após foi trabalhar no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. Porém, sua admiração pelas artes plásticas a levou a ser sócia da Sociedade Brasileira

de Arte Moderna, no Rio de Janeiro, onde fez alguns cursos no Museu de Arte Moderna – MAM, tais como: pintura, cerâmica e gravura, sendo exatamente nas aulas de cerâmica que a artista teve seu primeiro contato com o mosaico, através do artesão Italiano Pierre Zancopper.

Aproveitando-se do vínculo de servidora pública do IBGE, Freda entrou com um pedido de bolsa de estudos em estatística na Itália visando assim, conciliar o trabalho profissional com a intenção de ampliar seus estudos na área artística. Em 1955, a bolsa foi concedida e ela foi estudar gráficos estatísticos, tendo aula apenas uma vez por semana. Paralelamente, fez um curso de cerâmica, na Faculdade de Química de Bolonha; estudou também em Faenza, que era um grande centro da cerâmica. Em Ravena iniciou seus estudos em mosaico, encantando-se com esta técnica do qual nunca mais se desapegaria.

De volta ao Brasil em 1956, já casada com o escultor italiano Piero Bondi, estabeleceu-se no Rio de Janeiro e desvinculando-se definitivamente da área de estatística, foi convidada a trabalhar para o Ministério da Educação, atuando também no setor do INEP – Instituto Nacional de Ensinos Pedagógicos, de onde vinham os bolsistas aprender a desenvolver o artesanato local. A esta época a diretora do INEP, Mabel Lacombe, conseguiu que a FAB – Força Aérea Brasileira, trouxesse pedras semi-preciosas e cristais do sul do país visando um suprimento material pela possibilidade de aproveitamento deste refugio que era comumente descartado como lixo por uma fábrica. Estes restos que eram selecionados por Freda e seus alunos para uso em suas aulas revelaram-se em possibilidades distintas do que havia feito até então, desenvolvendo-se agora sobre uma proposta gestual não convencional que veio a ser explorado por quase 50 anos.

Sobre a obra

Ao abandonar as tradicionais pastilhas de vidro do mercado e converter em peças de criação o que seria rejeitado, Freda Jardim encontra um tipo de liberdade que a seduz para um ritmo de composição que não se enquadra na ordem linear sugerida pelas uniformes tesselas industrializadas. Ao utilizar pedras ou minerais em seu estado natural, confere à composição um aspecto bruto e autêntico, porém perfeitamente harmonizado intencionalmente num jogo de cores, texturas e relevos que acabam por revestir suas obras de uma transcendentalidade, obtida pelo tom in natura das pedras e conferindo às obras uma autenticidade ingênua inerente somente as grandezas naturais, pela antropológica noção de intocabilidade. Ao colocar lado a lado materiais de valores tão discrepantes entre si, que iam do precioso ao rejeitado, a artista vê suas obras cobertas de



Figuras 1 e 2 · Fenda Cósmica, Mosaico,
Edifício Pierre Lescot, Praia do Canto, Vitória/ES
Fonte: Arquivo pessoal de Celso Adolfo.

uma reverente espiritualidade, sugerida pela sensação de alcance da almejada nobreza desejável no caos da convivência humana. Ao preferenciar as gemas brasileiras, e outros produtos retirados desta terra, a composição de Freda Jardim se constitui em abrigo ao transeunte local por conseguir exprimir em suas obras, característica brasilidade e identidade, bem como também acolhem ao estrangeiro que se vê pertencente a interface laica e sem fronteiras da natureza brotante de seus trabalhos.

Na década de 1960, já trabalhando na UFRJ, a artista se transfere para a cidade de Vitória, Espírito Santo (Brasil) quando da federalização da então Escola de Belas Artes. Fez parte do corpo docente da Universidade Federal do Espírito Santo, auxiliando na organização do Centro de Artes, e posteriormente lecionou a disciplina de mosaico, vindo explorar as minas desse estado. Mesmo residindo em Vitória, Freda não perdeu o contato com os artistas contemporâneos na área do mosaico na Itália e em 1980 participou da fundação da AIMC - Associação Internacional do Mosaico Contemporâneo, com sede na Itália. A entidade reunia o que havia de mais expressivo no mundo do mosaico contemporâneo e se pautava por um estreito compromisso com o crescimento da arte e sua renovação artística. No Espírito Santo, Freda Jardim funda na década de 1990 a Companhia do Mosaico, que consistia numa associação de artistas mosaicistas, os quais deixaram posteriormente inúmeras obras (Figura 1 e Figura 2).

Freda Jardim construiu seu espaço imagético a partir de uma perspectiva que se guiava pela busca de uma autenticidade ou essência da técnica que parecia sentir ofuscada pela figura. Assim, como querendo expor o mosaico em sua essência e não este em sua função até então entendido, a artista procurou uma forma de ação criadora que deveria apresentar-se como suporte espiritual de um mosaico que existisse autônomo, que falasse mais alto que a composição nele agarrada parasitalmente, impedindo a visualização em sua suposta pureza, a qual parecia entender existir e buscar experimentar sob alguma forma. Para tal campanha fenomenologicamente intuitiva, parece encontrar um caminho na utilização orgânica das tesselas minerais, numa materialidade que se convertesse em janela para as entranhas do que necessitava se alimentar do mosaico em essência.

Seus trabalhos ocupam espaços públicos e particulares, sobre pavimentos, colunas, fachadas, esculturas, e acaba por trazer em si a sugestão de outros espaços e dimensões em sua visível tendência ao transcendental cósmico, como que levando a encontrada essência musiva de volta ao seu suposto lugar de origem. Na Itália, Freda deixou inúmeras obras, tanto em Museus como em áreas públicas. No Chile, implantou um painel na sede regional da ONU, realizado



Figura 3 · Painel no Palácio do Itamaraty, em Brasília.

Fonte: www.mosaicosdobrasil.tripod.com/id73.html

Figura 4 · Painel no Centro Cultural da Caixa Econômica.

Fonte: www.mosaicosdobrasil.tripod.com/id73.html

em seu ateliê em Vitória e transportado até Santiago. Em Portugal, executou um painel para a empresa Grão Pará, em Lisboa, e outro para o Hotel Hollyday Inn, na Ilha da Madeira.

No Brasil, também não são poucas suas obras ocupando espaços importantes em prédios públicos e particulares. Em Brasília/BR, há um mural de sua autoria no pavimento térreo do Palácio Itamaraty, realizado em 1969, sem qualquer sinalização de sua autoria (Figura 3); e outro no prédio do antigo BNH, no Rio de Janeiro, executado em 1971 (Figura 4). Depois da extinção do BNH, o prédio passou a abrigar o Centro Cultural da Caixa Econômica Federal, na Avenida Chile, centro do Rio.

Freda Cavalcanti Jardim falece em 2002, na cidade de Vitória, no estado do Espírito Santo/Brasil deixando como legado uma notável reinterpretação da linguagem musical não porém, por simplesmente trocar a estabilidade das tesselas industriais por pedras brutas e irregulares, mas por através de sua escolha material de composição trazer uma narrativa visual que seduz e instiga o observador a transitar o olhar entre os espaços pitorescos surgidos no abstrato ou no figurativo muitas vezes suggestionado livremente sob um estado de pareidolia interpretante, sempre parecer haver espaço para algo a mais que a sensibilidade possa evocar. Interessante a arte de Freda Jardim não convida ao toque, ou a qualquer experiência tátil, isso se deva talvez a característica sensação de imprevisibilidade oriunda da disposição não convencional de organização estética e elementos utilizados (Chavarría, 1998; Milito, 1997). Por outro lado, atrai o olhar apurado e experimentador como que num exercício de composição. Analisando-a em seu apelo à fruição a obra não conduz a um transcendental inatingível, pois quando escolhe as gemas brasileiras in natura e irregulares e dispendo desta forma suas cores, texturas e brilhos, acaba por convocar a identidade e tornar familiar o transcendente.

Referências

Chavarría, Joaquim (1998). *O mosaico*. Lisboa: Editorial Estampa

Milito, Junia Priscilla Dodd. (1997). *Mosaico* –

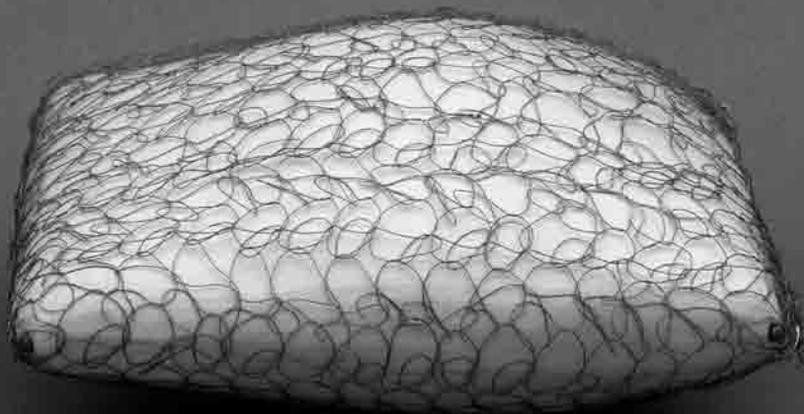
Uma arte atual. Monografia apresentada ao Instituto Metodista Bennett para obtenção do grau de licenciatura em Educação Artística.

Revista GAMA, Estudos Artísticos
julho-dezembro 2015 | semestral
issn 2182-8539 | e-issn 2182-8725

CIEBA-FBAUL

GAMA

n.6



Revista **GAMA**, Estudos Artísticos,
Volume 3, número 6, julho–dezembro 2015,
ISSN 2182-8539, e-ISSN 2182-8725
Ver arquivo em > gama.fba.ul.pt

Revista internacional com comissão científica
e revisão por pares (sistema *double blind review*)

Faculdade de Belas-Artes da Universidade
de Lisboa & Centro de Investigação
e de Estudos em Belas-Artes

Revista indexada nas seguintes

plataformas científicas:

- Academic Onefile
> www.latinamerica.cengage.com
- CiteFactor, Directory Indexing of International
Research Journals > www.citefactor.org
- DOAJ / Directory of Open Access Journals
> www.doaj.org
- EBSCO host (catálogo) > www.ebscohost.com
- GALE — Cengage Learning / Informe académico
> www.cengage.com
- Latindex (catálogo) > www.latindex.unam.mx
- MIAR (Matriz de información para la evaluación
de revistas) > www.miar.ub.edu
- Open Academic Journals Index
> www.oaji.net
- SHERPA / RoMEO > www.sherpa.ac.uk
- SIS, Scientific Indexing Services
> www.sindexs.org

Revista aceite nos seguintes sistemas de resumos biblio-hemerográficos:

- CNEN / Centro de Informações Nucleares,
Portal do Conhecimento Nuclear «LIVRE!»
> portalnuclear.cnen.gov.br

Periodicidade: semestral

Revisão de submissões: arbitragem duplamente
cega por Pares Académicos

Direção: João Paulo Queiroz

Relações públicas: Isabel Nunes

Assessoria: Pedro Soares Neves

Logística: Lurdes Santos

Gestão financeira: Isabel Pereira, Andreia Tavares

Propriedade e serviços administrativos:

Faculdade de Belas-Artes da Universidade de
Lisboa / Centro de Investigação e de Estudos
em Belas-Artes — Largo da Academia Nacional
de Belas-Artes, 1249-058 Lisboa, Portugal
T +351 213 252 108 / F +351 213 470 689

Crédito da capa: A partir de Teresa Segurado Pavão,
3362 (n. de cofre) *Almofada com malha aberta de
prata oxidada*, barro branco polido e prata oxidada,
7×15×15 cm, 2013. Da exposição “3553: objetos
de Teresa Segurado Pavão”, Sala dos Cofres, MUDE,
Museu do Design, Lisboa, dezembro 2013, janeiro
2014. Foto: Eurico Lino do Vale.

Projeto gráfico: Tomás Gouveia

Paginação: Lúcia Buisel

Impressão e acabamento: Gráfica Simões e Gaspar

Tiragem: 300 exemplares

Depósito legal: 355912/13

PVP: 10€

ISSN (suporte papel): 2182-8539

ISSN (suporte eletrónico): 2182-8725

ISBN: 978-989-8771-21-6

Aquisição de exemplares, assinaturas e permutas:

Revista Gama

Faculdade de Belas-Artes da Universidade
de Lisboa / Centro de Investigação e de Estudos
em Belas-Artes — Largo da Academia Nacional
de Belas-Artes, 1249-058 Lisboa, Portugal
T +351 213 252 108 / F +351 213 470 689

Mail: congressocso@gmail.com

